

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

Projeto Comunitário de Extensão Universitária

Gabriela Aparecida De Abreu

RELATÓRIO DE PESQUISA

ABUSO NA INFÂNCIA

ITAJAÍ

2022

Sumário

1. Introdução
2. Desenvolvimento
3. Considerações finais
4. Referências bibliográficas

INTRODUÇÃO

O termo abuso sexual é utilizado de forma ampla para categorizar atos de violação sexual em que não há consentimento da outra parte. Fazem parte desse tipo de violência qualquer prática com teor sexual, como a tentativa de estupro, carícias indesejadas e também sexo oral. (Brasil, 2009).

Infelizmente, grande parte das vítimas são crianças e adolescentes, das quais, muitas convivem diariamente com seu próprio agressor ou até mesmo alguém da sua própria família. (Brasil, 2009).

No Brasil, a lei 12.015/2009 do código penal protege as vítimas dos casos dos chamados “crimes contra a dignidade sexual”, porém, mesmo com a existência da legislação e dos órgãos protetores, grande parte das vítimas apresenta resistência em denunciar seus agressores. (Brasil, 2009).

Além do medo em denunciar o agressor, onde em muitos casos são membros da sua família, a vítima também é exposta ao julgamento da sociedade, sendo assim, preferem se calar e sem buscar nenhuma ajuda.

Com isso, iremos a abordar tópicos para que este tema seja esclarecido, fazendo com que possamos ajudar de alguma forma crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual.

OBJETIVO GERAL

Mostrar a realidade para a sociedade, estimulando os pais a ensinarem aos seus filhos desde pequenos a educação sexual e auxiliar aqueles que já passaram por algum tipo de abuso, a não se calarem.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Desenvolver palestras entre as diferentes escolas do conhecimento da Univali, instituições governamentais e não governamentais;
- Incentivar os pais a trazerem esse assunto em reuniões de família, para o desenvolvimento da educação sexual.
- Incentivar e fortalecer a importância da educação sexual nas escolas;
- Incentivar aquelas crianças vítimas de abuso sexual a denunciarem seus agressores;
- Promover atividades em comunidades, distribuição de panfletos e cartazes;
- Promover debates em escolas e na comunidade;
- Ampliar e/ou fortalecer parcerias com suporte de infraestrutura, logística e/ou financeira com instituições públicas, privadas e terceiro setor para implementação das propostas (preferencialmente mediante a execução de prestação de serviço).

DIAGNÓSTICO DE REALIDADE

DESENVOLVIMENTO

- **O que é abuso sexual?**

Define-se abuso ou violência sexual na infância como a situação em que a criança, é usada para satisfação sexual de um adulto ou adolescente mais velho, (responsável por ela ou que possua algum vínculo familiar ou de relacionamento, atual ou anterior), incluindo desde a prática de carícias, manipulação de genitália, mama ou ânus, exploração sexual, voyeurismo, pornografia, exibicionismo, até o ato sexual, com ou sem penetração, sendo a violência sempre presumida em menores de 14 anos (Pfeiffer e Salvagni, 2005 , apud adaptado de ABRAPIA, 1997 , p. 198).

Dessa forma, é importante ressaltar que os casos de abuso sexual têm ligações diretas com a imagem de “poder” que o agressor passa para as vítimas, por se tratar de ter algum grau de parentesco, sendo da família ou bem próximo da família. Por ser assim, se torna um alvo

difícil de suspeitar e resulta na complicação da necessidade de confirmação dos abusos sexuais infantis (PFEIFFER E SALVAGNI, 2005).

Ainda assim, o abuso sexual é considerado um problema alarmante da saúde pública. De acordo com Pfeiffer e Salvagni (2005), p. 198 “O abuso sexual infantil é considerado, pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Estudos realizados em diferentes partes do mundo sugerem que 7-36 % das meninas e 3-29% dos meninos sofreram abuso sexual.”. (PFEIFFER E SALVAGNI, 2005).

O que caracteriza que esse problema de saúde pública reconhecido pela própria OMS acomete crianças de ambos os sexos, sejam eles, feminino ou masculino. É preciso que se leve em conta, também, que o abuso sexual ocorre para os dois sexos, sendo maior a incidência no sexo feminino, até por ser “culturalmente” o mais aceito, tanto para o ato em si, como para a denúncia. As estatísticas internacionais apontam para 10% dos casos referentes ao sexo masculino. Nos dados do Programa Rede de Proteção de Curitiba, das 238 notificações de violência sexual acompanhadas no ano de 2003, 24,4% eram de meninos. (PFEIFFER E SALVAGNI, 2005).



Qual é o perfil do abusador?

Embora seja difícil acreditar, as estatísticas internacionais apontam os pais biológicos como os principais responsáveis pelos abusos intrafamiliares. Um estudo realizado em Buenos Aires, Argentina, entre 1989 e 1992, mostrou que os abusadores foram distribuídos assim:

42,5 % pais biológicos
23,7% parentes próximos
17,5% conhecidos não familiares
13,8% padrastos

Na maioria dos casos – 90 a 95 %-, os abusadores são do sexo masculino. Devemos admitir que ignoramos a verdadeira magnitude do abuso praticado por mulheres, uma vez que é difícil desvendá-lo por meio das vítimas e é pouco registrado pelas estatísticas. (Casa editora- Marcos Blanco, 2021)

- **Qual o perfil das vítimas?**

Estudo descritivo e de corte transversal que objetivou conhecer as características do abuso sexual em crianças e adolescentes de , zero a 14 anos, a partir dos casos registrados nos Conselhos Tutelares e programas de atendimento do município de Londrina-PR, em 2006. Os dados foram coletados por meio de formulário e posteriormente analisados por frequência (absoluta e relativa) e proporção. Dos 186 casos, as vítimas foram predominantemente do sexo feminino (74,2%) e o risco de incidência foi maior na idade de 10 anos entre as meninas (coeficiente de cinco por 1.000) ; 97,3% dos agressores eram do sexo masculino; maior parte dos abusos ocorreu na residência das vítimas (52,7%) e durou menos de seis meses (57%). Houve lesão corporal em 90,3% dos casos, com sequelas físicas e psicológicas em 97,8%. O abuso sexual entre crianças e adolescentes constitui-se um problema de saúde pública, além da estreita interface com as questões policiais e jurídicas (Christine Baccarat de Godoy Martins e Maria Helena Prado de Mello Jorge, Junho de 2010).

Quais os comportamentos que se pode observar em crianças vítimas de abuso sexual?



1 . Segredo:

O segredo é uma das precondições para o abuso. O agressor precisa dele e não hesitará em ameaçar a vítima. Procura fazer com que ela acredite que a revelação dos fatos causará uma crise terrível e perigosa. Desse modo, a fonte de temor se transforma numa prisão de segurança: se ficar calada, tudo correrá bem. (Casa editora- Marcos Blanco, 2021)

2 . Desproteção:

A lógica adulta espera que a criança resista ativamente ao abuso sexual. Caso contrário, as crianças costumam ficar paralisadas, ou se tratou de um pesadelo. Quando o abuso acontece em sua própria cama, a criança faz que está dormindo, muda de posição ou se cobre. A falta de autodefesa e o silêncio não significam que a vítima aceita ou desfruta o contato sexual. Representam o mecanismo de defesa mais comum diante do trauma: crer que a própria percepção dolorosa é imprecisa ou negá-la completamente. (Casa editora- Marcos Blanco, 2021)

3. Acomodação:

Se o abuso se torna crônico, tem início a etapa em que a criança fica enredada, porque começam a funcionar os mecanismos de adaptação para se acomodar às demandas sexuais do adulto.

Terminada a situação do abuso, a vítima volta à "normalidade", dissociando de suas atividades normais o que experimentou durante a agressão. As crianças sentam-se caladas à mesa da família, retomam seus brinquedos e vão à escola. Para conseguir essa aparência de normalidade, entram em ação mecanismo de defesa que se caracterizam por manter as experiências traumáticas e os sentimentos associados a ela totalmente separados do restante dos hábitos diários, todos esses mecanismos são considerados extremamente úteis para a sobrevivência na infância. No entanto, constituem grandes obstáculos para se conseguir a integração de personalidade adulta. (Casa editora- Marcos Blanco, 2021)

4. Revelação tardia, conflitiva e nada convincente:

Em geral, o segredo raramente vem à tona fora do grupo familiar, pelo menos de forma espontânea. Muitas vezes essa revelação ocorre extemporaneamente, de modo conflitivo e nada convincente. Consequentemente, a versão tem pouco crédito, uma vez que a criança desenvolve problema de personalidade. (Casa editora- Marcos Blanco, 2021)

5. Negação:

Com a raiva e o desespero que motivaram a confissão, ficam subjacentes sentimentos de culpa pelo fato de a vítima acusar um parente e por não cumprir a obrigação de manter a família unida. Isso faz com que as crianças se arrependam de ter revelado o segredo. (Casa editora- Marcos Blanco, 2021)

Por que as crianças e adolescentes se calam?

●
Na assistência à criança e adolescente vítimas de maus-tratos, há que se considerar que, em aproximadamente 20 % de todos os casos, existe o abuso sexual, sempre acompanhado das agressões psicológicas, como em todas as formas de violência nessa faixa etária.

O agressor usa da relação de confiança que tem com a criança ou adolescente e de poder como responsável para se aproximar cada vez mais, praticando atos que a vítima considera inicialmente como demonstrações afetivas e de interesse. Essa aproximação é recebida, a princípio, com satisfação pela criança, que se sente privilegiada pela atenção do responsável. Este lhe passa a ideia de proteção e que seus atos seriam normais em um relacionamento de pais e filhas, ou filhos, ou mesmo entre a posição de parentesco ou de relacionamento que tem com a vítima.

Quando o agressor percebe que a criança começa a entender como abuso ou, ao menos, como anormal seus atos, tenta inverter os papéis, impondo a ela a culpa de ter aceitado seus carinhos. Usa da imaturidade e insegurança de sua vítima, colocando em dúvida a importância que tem para sua família, diminuindo ainda mais seu amor-próprio, ao demonstrar que qualquer queixa da parte dela não teria valor ou crédito. Passa, então, à exigência do silêncio, através de todos os tipos de ameaças à vítima e às pessoas de quem ela mais gosta ou depende. O abuso é progressivo; quanto mais medo, aversão ou resistência pela vítima, maior o prazer do agressor, maior a violência.

Sentindo-se desprotegida pelo outro responsável, habitualmente a mãe, que permitiu a aproximação do abusador, insegura por imaginar que realmente não seria ouvida ou acreditada, envergonhada tanto pelo que passa, como pela sua impossibilidade de denunciar, por seu amor-próprio reduzido e, ainda, ameaçada por aquele de quem habitualmente depende física e emocionalmente, ela se cala, muitas vezes para toda sua vida. (Christine Baccarat de Godoy Martins e Maria Helena Prado de

Mello Jorge, Junho de 2010)

Piora nos casos de violência sexual na pandemia

Segundo dados levantados pelo Ministério da Saúde entre 2011 e 2017, 64,8% dos agressores são familiares ou conhecidos das vítimas, e 62% dos casos acontecem na residência da vítima ou do agressor.

●

“Quando começou a pandemia, nossa preocupação foi com um possível aumento da situação de violência, por causa do convívio mais intenso com possíveis agressores”, diz Leonardo Duarte Bastos, coordenador da Comissão de combate à violência doméstica contra crianças e adolescentes do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Campinas (Vdcca/Cmdca).

Outro problema é o tempo muito maior em que crianças e adolescentes ficam na internet. “O abuso sexual virtual aumentou bastante. Isso começou antes, com a história dos nudes. Depois, vieram os vazamentos de fotos. Atendo muitos casos assim”, afirma a psicóloga Dalka Ferrari, coordenadora do Centro de Referência das Vítimas de Violência do Instituto Sedes Sapientiae (CNRVV), que faz atendimento a vítimas e a seus familiares.

Crianças e adolescentes também reduziram muito o contato com as escolas, canal importante dentro de uma rede de proteção que inclui ainda serviços de saúde e conselhos tutelares, entre outros.

“Eles não estão indo à escola. Sempre houve um problema de invisibilidade e subnotificação da violência sexual. A pandemia agravou muito isso”. (Natália Valente, Programa Enfrentamento a Violências, Fundação FEAC)

❖ **Visão atual do Abuso sexual na infância e adolescência**

De difícil suspeita e complicada confirmação, os casos de abuso sexual na infância e adolescência são praticados, na sua maioria, por pessoas ligadas diretamente às vítimas e sobre as quais exercem alguma forma de poder ou de dependência.

Nem sempre acompanhado de violência física aparente, pode se apresentar de várias formas e níveis de gravidade, o que dificulta enormemente a possibilidade de denúncia pela vítima e a confirmação diagnóstica pelos meios hoje oferecidos pelas medidas legais de averiguação do crime.

-

Efeitos psicológicos do abuso sexual podem ser devastadores, e os problemas decorrentes do abuso persistem na vida adulta dessas crianças. (Luci Pfeiffer e Edila Pizzato Salvagni, 2005)

❖ **Como agir ou prevenir os casos de violência sexual ou infanto-juvenil?**

O ministério Público de Santa Catarina dá alguns exemplos de ações a serem adotadas quando é descoberto um caso de violência sexual que tem como vítimas crianças ou adolescentes, sendo estas:

- Não critique nem duvide de que ela/ele esteja faltando com a verdade;
- Incentive a criança e/ou o adolescente a falar sobre o ocorrido, mas não o obrigue;
- Fale sempre em ambiente isolado para que a conversa não sofra interrupções nem seja constrangedora;
- Evite tratar do assunto com aqueles que não poderão ajudar;
- Denuncie e procure ajuda de um profissional;
- Converse de um jeito simples e claro para que a criança e/ou o adolescente entendam o que você está querendo dizer;
- Não os trate com piedade e sim com compreensão;
- Nunca desconsidere os sentimentos da criança e/ou do adolescente;
- Reconheça que se trata de uma situação difícil; e
- Esclareça à criança e/ou adolescente que a culpa não é dela/dele;

❖ **Benefícios da educação sexual nas escolas:**

A escola, como ambiente de aprendizagem e vínculo afetivo da criança, naturalmente também se depara com a necessidade de esclarecimentos sobre o tema. Afinal, é um cenário de fonte de informação e conhecimento do mundo, e precisa ser um espaço seguro para esclarecer dúvidas também sobre este assunto.

Com a educação sexual as crianças podem identificar um comportamento de um adulto ou adolescente que passou do limite e se tornou abusivo. A educação é uma das formas mais eficientes de combate à violência sexual;

Através da abordagem do tema, a criança pode entender melhor o seu próprio corpo, até mesmo como conhecimento em Biologia;

Evita que a criança e adolescente sejam expostos ao assunto de maneira inapropriada, seja entre amigos, ou pela internet;

É preferível que a criança e/ou adolescente discuta o assunto em sala de aula, do que descobrir sobre sexo expostos à pornografia, ou entre amigos da mesma idade. Ou até, após um episódio de abuso que ela não conseguiu identificar, se defender ou denunciar;

O acesso à educação sexual na infância contribui para que as crianças e jovens, quando adultos, tornem-se sexualmente responsáveis, pois o diálogo aberto sobre o assunto evita o início precoce da vida sexual, gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis. (Casa editora- Marcos Blanco, 2021)

- **Os números da violência**

O abuso sexual infantil é considerado, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como um dos maiores problemas de saúde pública. Estudos realizados em diferentes partes do mundo sugerem que 36 % das meninas e 29% dos meninos sofreram abuso sexual.

A sua real prevalência é desconhecida, visto que muitas crianças não revelam o abuso, somente conseguindo falar sobre ele na idade adulta.

As estatísticas, portanto, não são dados absolutos. Trabalha-se com um fenômeno que é encoberto por segredo, "um muro de silêncio", do qual fazem parte os familiares, vizinhos e, algumas vezes, os próprios profissionais que atendem as crianças vítimas de violência.

Acrescente-se a isso que países com limitados recursos socioeconômicos podem não ser capazes de manejar todos os relatos de suspeita de abuso sexual ou coletar dados referentes a eles. Pesquisas em países europeus indicam que 36% de meninas e 15% de meninos já sofreram experiências sexuais abusivas antes dos 16 anos. De forma similar, em estudos realizados nos EUA, com uma amostra de 935 pessoas, 32,3% das mulheres e 14,2% dos homens revelaram abuso sexual na infância, e 19,5% das mulheres e 22,2% dos homens sofreram violência física..

Dados da Polícia Civil - Secretaria da Justiça e da Segurança do Estado do Rio Grande do Sul - apontam que, em 2002, 1.400 crianças foram vítimas de violência; destas, 872 ou 62% foram vítimas de violência sexual. Em 2003 , 1.763 foram vítimas de violência; destas, 1.166 ou 66 ,14% de violência sexual. De janeiro a julho de 2004, de 525 crianças vítimas de violência, 333 ou 63,43% estavam relacionadas à violência sexual.

Esses números, extremamente cruéis, são indicativos que a violência sexual é a que tem sido mais denunciada e acompanhada por essa Secretaria, não se podendo considerá-los, no entanto,

como um índice de prevalência dentro da proporção de todos os tipos de maus-tratos a que podem ser submetidos crianças e adolescentes.

Dados do programa Rede de Proteção às Crianças e Adolescentes em Situação de Risco para Violência, da cidade de Curitiba (PR), evidenciam 1.356 notificações de maus-tratos no ano de 2003. Destas, 17,6 % foram casos de abuso sexual, sendo 75,6% do sexo feminino e 24,4% do sexo masculino. (Casa editora- Marcos Blanco, 2021)

● Políticas Públicas existentes

O assunto passou a ter mais visibilidade no Brasil a partir de 1990 com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente Lei no 8.069/90 (CEDCA, 2000; Diário do Senado Federal, 2004). A partir disso, com o propósito de combater esse tipo de violência e dar suporte para as vítimas, o governo brasileiro elaborou o “Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-Juvenil” (Brasil, 2001). Dentre suas finalidades, estão a elaboração de políticas públicas para combater a violência sexual infanto-juvenil, e através dele se teve muito progresso com a criação de novas instituições bem como a maior agregação de ONGs engajadas na causa. Com isso, para integrar agentes sociais e governamentais dessas instituições, se cria o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), com o objetivo de implantar conselhos nos municípios e estados do Brasil. Desde então, o governo recebeu até mesmo apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) para a fundação de Centros de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca), no qual tem a finalidade de oferecer proteção, prevenção e atendimento às crianças e aos familiares das vítimas (Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes, 2007). Assim, são implantadas e aprimoradas redes para estabelecer medidas de proteção e amparo às crianças em todo o Brasil e o tema desde então tem notoriedade. Vale ressaltar que recebemos destaque mundial no ranking de violência contra crianças e adolescentes, ficando em 2º lugar de acordo com pesquisas realizadas pela UNICEF, ao qual pressiona as autoridades para estabelecer ainda mais políticas públicas eficientes (UNICEF, 2022).

❖ **Organizações sociais promovem ações no mês de combate à violência sexual infantil**

No mês de maio, organizações da sociedade civil que fazem parte da Rede Nossas Crianças realizaram ações de combate à violência sexual infantil.

Foram desenvolvidas diversas atividades sobre a violência sexual infantil, entre elas:

- Rodas de conversas e exibição de filmes sobre o tema e debate com as crianças, os adolescentes e seus familiares;
- Contação de histórias;
- Apresentação teatral;
- Produção de folhetos, cartazes e desenhos e exposição do material nos espaços para visitação das famílias e da comunidade;
- Oficinas de produção de poemas e poesias;
- Criação de podcast com produção de conteúdo exclusivo dos adolescentes;
- Caminhadas com cartazes e faixas nos municípios;
- Realização de seminários em parceria com os membros que compõem a Rede de Proteção: Conselhos Tutelares, Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) e escolas da rede municipal e estadual

O papel da sociedade Referente à temática abordada:

Denuncie!!

1. **Polícia Militar - 190:** quando a criança está correndo risco imediato
2. **Samu - 192:** para pedidos de socorro urgentes
3. **Delegacias especializadas** no atendimento de crianças ou de mulheres
4. **Qualquer delegacia de polícia**
5. **Disque 100 :** recebe denúncias de violações de direitos humanos. A denúncia é anônima e pode ser feita por qualquer pessoa
6. **Conselho tutelar :** todas as cidades possuem conselhos tutelares. São os conselheiros que vão até a casa denunciada e verificam o caso. Dependendo da situação, já podem chegar com apoio policial e pedir abertura de inquérito

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, o abuso sexual de crianças e adolescentes é um problema de saúde pública universal, onde a cada dia inúmeras vítimas ficam a mercê do medo, sem saber oque fazer ou para onde correr.

Se você identificar sinal de violência, ouça sem julgamentos e acolha, estabelecendo uma relação de confiança e proteção. É importante que ela entenda que não vai ser punida se contar algo pela qual está passando. Isso porque muitas das vítimas de abuso sofrem ameaças para não revelar a violência.

Temos esse papel enquanto cidadão e adultos responsáveis em proteger crianças e adolescentes. O que pedimos sempre à população é que toda vez que houver uma suspeita ou efetivamente perceba que a criança está sofrendo qualquer tipo de violência, deve denunciar!

❖ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PFEIFFER, Luci. SALVAGNI, Edila Pizzato. **Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência** – Jornal de Pediatria. 0021-7557/05/81-05-Supl/S197. 2005 . Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa10.pdf> Acesso em: 06 de Outubro de 2022

MARTINS, Christine. JORGE, Maria. **Abuso sexual na infância e adolescência: Perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil** . 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/n4nCXYDBmhRdLjJCfzSdbzp/?lang=pt>. Acesso em: 06 de Outubro de 2022

GRINER, Priscila; **A importância da educação sexual na infância e adolescência** . 2010. Disponível em: <https://blog.casaescola.com.br/educacao-sexual-na-infancia/> . Acesso em: 06 de Outubro de 2022

Mezoni, Wagner José; Projeto da Univali lança série de vídeos sobre direitos da criança. <https://www.univali.br/noticias/Paginas/projeto-da-univali-lanca-serie-de-videos-sobre-direitos-da-crianca.aspx>

Uriarte, Natália; Roda de Conversa no Campus Tijucas debate violência sexual infanto-juvenil. <https://www.univali.br/noticias/Paginas/roda-de-conversa-no-campus-tijucas-debate-violencia-sexual-infantojuvenil.aspx> x

Da Paixão, Ana Cristina Wanderley; Deslandes, Suely Ferreira. Instituto Fernandes Figueira – Fundação Oswaldo Cruz. Análise das Políticas Públicas de Enfrentamento da Violência Sexual Infantojuvenil, 2010. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/1730/An%c3%a1lise%20das%20Pol%c3%adticas%20P%c3%ablicas%20de%20Enfrentamento.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

ABRINQ, fundação. [14/06/2022]. **Organizações sociais promovem ações no mês de combate à violência sexual e infantil**. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/organizacoes-sociais-promovem-acoes-no-mes-de-combate-a-violencia-sexual-infantil> . Visitado em: 21/09/2022 .